

## **A SOCIOLOGIA DE ERVING GOFFMAN EM UMA ETNOGRAFIA SOBRE A INSERÇÃO DE IMIGRANTES SENEGALESES NO COMÉRCIO DE RUA DE SANTA MARIA (RS): PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES**

Filipe Seefeldt de Césaro

Maria Catarina Chitolina Zanini

A história do conceito sociológico de “interação social” foi comumente revisada como uma de grande heterogeneidade, e mesmo indefinição teórico-metodológica (ATIKSON e HOUSLEY, 2003, p. 3). Como alerta Jean-Claude Passeron (1995, p. 43; 47), ao apropriar-se de um conceito polimorfo como o de interação social, o pesquisador deve atentar para a diversidade histórica de sua apropriação e, ao mesmo tempo, como existe uma matriz semântica comum do termo. Este trabalho representa um primeiro passo a esta reflexão, tratando de uma pesquisa antropológica de método etnográfico e técnica de observação participante sobre a inserção de imigrantes senegaleses no comércio de rua da cidade de Santa Maria (RS). Partindo de revisão bibliográfica das principais obras de Erving Goffman, os objetivos aqui são os de: (i) identificar os nortes/lentes fornecidos pela abordagem teórica em questão à pesquisa; (ii) identificar os pontos cegos e as insuficiências da abordagem teórica em questão na pesquisa. Vale destacar o problema posto pelo estudo em questão: como os imigrantes senegaleses de Santa Maria têm se inserido no comércio de rua da cidade? A microssociologia de Erving Goffman logo emerge como ponto fundamental de consulta, tendo em vista seu comprometimento com a riqueza das interações face a face especialmente em se lidando com sociabilidades urbanas (MAGNANI, 2002, p. 26). Mas no caminho interpretativo entre as anotações de campo e as leituras teóricas (GEERTZ, 1989, p. 209-210), o que desta abordagem pode ser percebido como possibilidade e como limitação para a pesquisa realizada com os senegaleses de Santa Maria?

Em primeiro lugar estão as perspectivas abertas. A extensiva atenção de Goffman à variabilidade de performances potencialmente envolvidas em interação social para o desempenho de papéis (GOFFMAN, 1985, p. 10) logo direcionou a

observação participante realizada para a atenção aos microacontecimentos do contato face a face entre senegaleses, clientes, transeuntes, “conhecidos” e demais vendedores de rua. A realidade complexa aí envolvida pôde logo ser contemplada do ponto de vista da produção situacional de significados analisada por Goffman: os atores sabem o que é adequado fazer a partir da definição que fazem de cada situação, ou seja, da leitura que realizam do “outro” imediato. Assim, o fato de um vendedor senegalês abordar um jovem com um “e daí, mano?” e um idoso com um “oi senhor, tudo bem?”, e de utilizar diferentes gestualidades com cada um desses clientes, faz todo o sentido. A “externalização” e o “escaneamento” (respectivamente, “deixar aparecer algo numa performance” e “interpretar o que outros atores deixam aparecer em suas performances”), a fachada pessoal e o cenário (equipamentos expressivos portáteis e não portáteis), e o decoro (regras de conduta de cada região que devem ser respeitadas pelos atores envolvidos) (GOFFMAN, 1971, p. 11; 1985, p. 29, p.117) são bons exemplos de categorias contribuintes neste sentido. Tal terminologia permitiu que a venda de rua senegalesa em Santa Maria fosse observada em sua variedade regulares de performances interacionais. Mas essas regularidades poderiam ser compreendidas apenas pelos significados construídos ao longo de cada situação de interação?

É essa indagação que, ao exigir o sentido político-identitário das agências interacionais dos senegaleses de Santa Maria, expõe insuficiências do esquema goffmaniano para a pesquisa em questão. Apesar de não convergir com a crítica de autores como Herbert Blumer (1969, p. 15), que rechaça o que considera como culturalismos e psicologismos na análise de interações sociais, a abordagem de Goffman ainda pouco explora o nível estrutural dos contatos face a face. Para além da concepção interacional de papéis e categorias acessíveis de diferentes formas a cada grupo de indivíduos (GOFFMAN, 1988, p. 5), não são contemplados analiticamente outros modos de produção simbólica, que ultrapassem a correspondência entre a concepção durkheimiana de alma e a meadiana de *self* (HANNERZ, 1980, p. 209-210). Aqui, é a própria situação de interação que gera significados aos atores, partindo do material representacional de informações que

cada um dos envolvidos possui acerca daquele contato específico: não há, por exemplo, uma estrutura cultural que passa pelos “riscos empíricos” de cada conjuntura histórica (SAHLINS, 2003, p. 15; ORTNER, 2007, p. 46-47). Ao longo da maior inserção em campo, isto representou uma perda de profundidade analítica justamente na interpretação daqueles elementos empíricos que, em um primeiro momento, foram destacados pelo olhar goffmaniano. Como orientações valorativas ligadas a cultura e religião influem no processo de construção de gestualidades, linguagens e localidades de venda? Não estariam as interações mais regulares entre senegaleses, “conhecidos” e outros vendedores de rua construindo sociabilidades e circularidades estratégicas a um espaço marcado pela competição? Para compreender saberes corporais e conteúdo étnico da vida social senegalesa na cidade, assim, foi necessário ir além do interacionismo de Goffman. Algumas das possibilidades de alargamento da análise estão sendo o uso do conceito de campo de Bourdieu (1990) e sua articulação com a teoria da migração de Sayad (1998), o diálogo com outras abordagens em performance (SCHECHNER, 2002) e também em etnicidade (BARTH, 2000). Assim, pode-se ir além do nível face a face e penetrar, igualmente, nos cenários históricos que envolvem os atores.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATIKSON, Paul e HOUSLEY, William. **Interactionism: An Essay in Sociological Amnesia**. Londres: SAGE Publications, 2003.

BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras: o guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism: Perspective and Method**. Los Angeles: University of California Press, 1969.

BOURDIEU, Pierre. **The Logic of Practice**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_, Erving. **Relations in Public: Microstudies of the Public Order**. New York: Basic Books, 1971

\_\_\_\_\_, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LC, 1988.

HANNERZ, U. **Exploring the city: Inquiries Toward an Urban Anthropology.** New York: Columbia University Press, 1980.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

ORTNER, Sherry. **Uma atualização da teoria da prática e Poder e Projetos: reflexões sobre a agência.** In: GROSSI, Miriam; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter. (org.) **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas.** Blumenau: Nova Letra /ABA, 2007.

PASSERON, Jean-Claude. **O Raciocínio Sociológico:** o espaço não/popperiano do raciocínio natural. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAHLINS, Marshall. Introdução e Capitão James Cook; ou o Deus Agonizante. In: **Ilhas de História.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAYAD, A. **A imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHECHNER, Richard. A rua é o palco. In.: LIGIÉRO, Zeca (Org.) **Performance e antropologia de Richard Schechner.** Rio de Janeiro: